



# A ARQUITECTURA E OS MOSAICOS DO “EDIFÍCIO DE CULTO” OU “AULA” DA *VILLA* ROMANA DE MILREU

THEODOR HAUSCHILD

Instituto Arqueológico Alemão

1. Estácio da Veiga, Sebastião Philippes Martins (1880), p.65 . Estácio da Veiga não chegou a publicar uma descrição das construções.

2. Brito Rebelo (1881), p.180 (planta).

3. O texto foi repetido por Hauschild, T. (2007), p.314.

4. Estácio da Veiga (1882), p.240 (foto). Esta fotografia foi retocada de tal maneira que alguns pormenores são alterados, como por exemplo a decoração da faixa inferior de corda dupla. O desenho da autoria de Leite Ribeiro guardado no arquivo do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa, mostra a figura do tritão com patas de cavalo, ou seja, a figura deveria ser um icto-centauro (centauro marinho). Uma comparação encontra-se em Conímbriga, Casa dos Repuxos, p.30. Sobre esta temática também Oliveira, C. de (2007), p.148.

5. Teichner, F. (1997), p.121 (Abb. 6).

6. Kremer, M. J. Duran (1999), p.514.

7. Teichner, F. (1997), p.122, 123 Abb.7. p.124-128.

As ruínas de Milreu (Estoi, Faro) foram exploradas em 1877 por Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, numa das primeiras escavações arqueológicas em larga escala realizadas em Portugal. A planta que Estácio da Veiga publicou mostra toda a série de construções do conjunto da sumptuosa *uilla*, então escavada (Fig.1), encontrando-se assim documentadas as estruturas actualmente desaparecidas ou encobertas, tal como, por exemplo, a parte Este do conjunto, a qual pertenceu à *pars rustica* e à necrópole<sup>1</sup>.

Existe também uma pequena planta do suposto edifício de culto, publicada em 1881, onde se identifica uma piscina hexagonal e os correspondentes canais de água na sala da *cella*<sup>2</sup>. Menciona-se ainda a existência de vários níveis de espaço que foi esvaziado posteriormente, sem deixar outra documentação<sup>3</sup>. Uma fotografia desta época mostra mosaicos com uma cena da mitologia do mundo marinho, um tritão e um monstro, localizados na parede do pódio que circunda a *cella*<sup>4</sup>. Após novas investigações desenvolvidas nas últimas décadas pelo Instituto Arqueológico Alemão, foi publicada uma nova planta, com a localização deste edifício<sup>5</sup>, separado da *uilla* por uma calçada e ainda o conjunto dos compartimentos da *pars urbana*, onde se conservam uma série de pavimentos de mosaico que foram objecto de estudo, nos últimos anos, por Maria de Jesus Duran Kremer<sup>6</sup>. Chamo a atenção, no âmbito deste colóquio, para a análise dos estratos arqueológicos encontrados debaixo dos pavimentos, realizada por Felix Teichner nos anos 90, que, no caso de alguns mosaicos com decoração geométrica, podemos atribuir aos séculos II ou III d.C<sup>7</sup>. Foi necessário, em vários



FIG.1 MILREU. PLANTA ELABORADA POR ESTÁCIO DA VEIGA EM 1877. © DDF / IMC.

pavimentos, restaurar e consolidar os mosaicos que se encontravam danificados pelo tempo, tendo sido utilizados distintos métodos para realizar essa tarefa. Assim, no caso dos compartimentos a Norte do peristilo, onde existem rupturas e depressões nos mosaicos com decoração de tipo geométrico e vegetalista, optou-se por restauro *in situ*, ou seja, a consolidação das bordas dos mosaicos e a preparação de escoamentos nas zonas de depressão. Esta solução, definida pelo restaurador Carlos Beloto<sup>8</sup>, requer no entanto uma limpeza contínua da superfície e uma interdição de pisar o pavimento. Um outro método de restauro dos pavimentos consiste na remoção da camada dos mosaicos da antiga argamassa de assentamento e a sua nova colocação numa base de cimento, parcelada em várias placas, o que permite, depois de assentar, continuar a pisar os pavimentos. Este trabalho foi efectuado na galeria Norte do peristilo onde existem restos de mosaicos da última fase de renovação, ou seja, meados do século IV, com uma vistosa decoração de um friso de peixes e de outras criaturas marinhas emoldurado por uma larga faixa ornamental<sup>9</sup>. Antes da remoção dos mosaicos, o seu estado foi documentado através de fotografias e um desenho efectuado sobre uma grande folha de plástico transparente em escala 1/1. Ficou assim registada igualmente uma parte da orla com trança quádrupla que se perdeu no processo de restauro<sup>10</sup>. O desenho reduzido mostra o conjunto dos peixes, alguns ilustram uma espécie de chernes ou robalos e ainda lulas, mexilhões e formas como ouriços que acompanham grandes golfinhos (Fig.2). As boas fotografias a cores, que

8. O restauro do pavimento de mosaicos com a representação de peixes foi realizado por Carlos Beloto nas oficinas de restauro em Conímbriga.

9. O friso de mosaicos com a decoração de peixes foi descoberto parcialmente já por Estácio da Veiga, como mostra um desenho guardado no Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa (desenho n.º 25 h no corredor n.º 23, planta), publicado por Oliveira, C. (2007), p.153 (Fig.10). Excavado de novo por Hauschild, T. (1980), p. 214-219; id. (2002), p.22 (Fig.17). Também Kremer, M.J. Duran (1999), p.514.

10. O fragmento da trança está documentado por Hauschild, T. (1980), p.214 (Abb.17). Taf. 54 b; id. (2002), p.22 (Fig.17).



FIG. 2 MILREU. PERISTILO, DESENHO DO PAVIMENTO DE MOSAICOS COM REPRESENTAÇÃO DE PEIXES (IAA, 1988).



FIG. 3 MILREU. PERISTILO, REPRESENTAÇÃO DUM GOLFINHO NO PAVIMENTO DE MOSAICOS. FOTOGRAFIA DO AUTOR.

11. O golfinho foi mencionado já várias vezes.

12. Os peixes parecem chernes, mas podem ser também robalos ou pargos. Britto Rebelo (1882), p.240; Hauschild, T. (2002), p.29 (Fig.27); Veiga Pereira (2007), p.207 (fig.18).

13. Os mosaicos nas paredes do *podium* do edifício do culto foram mencionados a partir das escavações de Estácio da Veiga. Brito Rebelo (1882), p.240; Colecção de documentação do MNA.

14. Veiga Pereira (2007), p.207 (Fig.17).

superam qualquer desenho com lápis de cor, evidenciam a característica de desenhar os peixes com linhas de contorno, à maneira de pincel, e a excelente técnica tesselária, como por exemplo a cabeça do golfinho situado na parte Norte do friso (Fig.3), com o seu olho em forma de amêndoa formado por *tesserae* pequenas e com a sua impressionante mandíbula com os dentes enfiados na boca<sup>11</sup>. A temática marinha repete-se numa piscina do *frigidarium* das termas<sup>12</sup>, e principalmente, no pódio do “edifício de culto” situado junto da antiga via de acesso à *uilla*<sup>13</sup>. O visitante, subindo a antiga via, caracterizada pelo pavimento de grandes lajes de pedras, distingue de longe este imponente edifício com as suas abóbadas ainda hoje de pé, com mais de 10 m de altura (Fig.4a e 4b). Na entrada do recinto, marcada pelos restos dos fortes pilares do portão, destaca-se directamente, em frente, uma construção de forma semicircular que apresenta decoração de mosaicos nas paredes exteriores e interiores. No que se refere ao exterior, virada à via, resta uma orla de tranças duplas, no seu interior com a representação de um peixe, talvez um cherne, bem como ouriços e signos em forma de V, interpretadas como uma espécie de “moscas” de água, ou, talvez, plantas ordenadas em linha horizontal. No fundo do tanque registava-se ainda um mosaico com a representação de peixes e outras formas marinhas, emoldurado por uma trança dupla que conhecemos, fortuitamente, por um desenho da época da escavação de Estácio da Veiga e de que só resta um fragmento da orla de trança dupla<sup>14</sup>. Os peixes mostram aqui uma posição quase enfiada e apertada, em conjunto



com os ouriços e os signos em V, talvez ilustrando a densidade do mundo marinho no fundo deste tanque de água. Nas *uillae* da época tardo-romana, são frequentes os tanques de água nas zonas de entrada como sucede também em Milreu, mas não com esta forma específica<sup>15</sup>. Esta pequena construção, não obstante, pertence claramente a uma encenação da entrada do recinto do edifício de culto ou “aula”. A sua estrutura de várias fileiras de tijolos mostra, como parapeito, uma placa de mármore colocada em 1,40 m de altura e, sobre o muro curvo do tanque, arranques de nervos de tijolos configuram uma semicúpula, provavelmente em forma de concha, como cobertura traseira de um arco frontal, semelhante aos ninféus nos Jardins de Pompeio<sup>16</sup>. Para uma reconstituição gráfica da vista frontal desta pequena construção, proponho um coroamento em forma de ática, em consonância com a solução provável da reconstituição dos restos do portão de entrada do recinto do edifício de culto que, possivelmente, tinha uma cornija por tijolos modelados, semelhante à cornija do edifício de culto (Fig.5).

Relativamente ao projecto arquitectónico deste recinto, constata-se uma disposição rigorosamente simétrica, cujo eixo, ultrapassando a via, abrange também o tanque de água. O mencionado portão grande e uma porta estreita na parte Este do muro exterior permitem o acesso a um pátio que cerca o edifício. A porta estreita conduz, a partir do pátio, a um pequeno edifício caracterizado por um grande canal de esgoto, provavelmente um dos compartimentos exteriores de apoio ao funcionamento do edifício de culto<sup>17</sup>. Este edifício, em grande parte conservado, eleva-se no meio do pátio sobre um pódio de 4 pés de altura, acessível por 3 degraus na frente da entrada do pátio, que conduzem a uma galeria que, por seu lado, circunda uma sala de planta quadrada com uma abside de planta circular com abóbada, servindo de cabeceira. Esta sala, ou *cella*, eleva-se sobre a galeria circundante que foi, por sua vez, coberta por uma abóbada, mostrando janelas sobre a parte superior (Fig.5). Constitui-se aqui um conjunto de forma clara e coerente, extraordinário entre os monumentos da Hispânia. O tipo de edifício é comparável com os templos de galeria, conhecidas principalmente na Gália e Germânia, como já tinha publicado há vários anos<sup>18</sup>. Mas verificamos diferenças na boa construção das paredes da *cella* com tijolos e aplicação de abóbadas, como encontramos na Itália, principalmente em Mausoléus de tipo central. E é ali onde existem paralelos com os extraordinários elementos arquitectónicos do remate superior da *cella*, ou seja, da cornija de consolas<sup>19</sup>, principalmente da época tardia romana, como nas termas de Diocleciano ou no Mausoléu de Santa Constança, no século IV. Em Milreu encontramos, como particularidade, tijolos na zona da cornija que em parte representam molduras de óvalos trabalhados antes de cozer. A proporção total da cornija, acentuadamente vertical, e o alinhamento das saliências numa recta imaginária, indicam, na verdade, uma época tardia romana, coincidindo com a classificação do selo de tijolo com o nome de “Frontinianus” encontrado na construção<sup>20</sup>. Outro elemento que reforça a datação na época tardia romana são os capitéis da colunata da galeria com as folhas expressamente vegetalistas<sup>21</sup>. Na investigação arqueológica nos estratos dentro do pódio apareceu material cerâmico e uma moeda que indicam a mesma classificação

15. Em Milreu acompanham dois tanques de água de forma semicircular, construídos na época tardia romana, o acesso à parte habitacional da villa. Hauschild, T. (1980), p.208 (Abb.13). A grande *uilla* de Piazza Armerina (Sicília) também mostra na zona da entrada um tanque de água.

16. Pequenos ninféus encontram-se em várias *uillae* na Itália.

17. As escavações do Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa mostraram que na parte Este do recinto se abre uma estreita porta que dá acesso para um corredor e construções laterais. Hauschild, T. (1980), p.207 (Abb.12.19); Teichner, F. (1997), p.122-125 (Abb. 6).

18. Comparações: Hauschild, T. (1984/88), p.148.

19. Hesberg, H. V. (1980), p.203.

20. O nome de *Frontinianus* apenas surge em outro lugar da Hispania, em Astigi. Hauschild, T. (1984/88), p.144.

21. Hauschild, T. (1984/88), p.145.



FIG. 4A E 4B MILREU. VISTA DO “EDIFÍCIO DE CULTO”.

22. No corte n.º 114, diante da entrada da “cella”, apareceram várias camadas arqueológicas situadas ao lado dum muro anterior das estruturas do edifício de culto. Os estudos da cerâmica e de uma moeda permitem datar este edifício na média terceira parte do séc. IV d. C. Vegas, M. (1994), 647. (Archäologischer Anzeiger)

23. Reconstituição da planta: Hauschild, T. (1984/88), p.140. Fig.19 e 20.

24. Ver nota 13.

25. Existem muitos mosaicos romanos realizados em paredes. Mas até agora não conhecemos exemplos em paredes dum templo.

26. A característica dos mosaicos em paredes é que a massa das juntas entre as *tesserae* sobressai às vezes a nível da superfície, reconhecível em várias zonas. A limpeza destes mosaicos tomou em consideração esta característica.

temporal, ou seja, a primeira metade do século IV d.C.<sup>22</sup>. Da colunata do edifício restam várias placas de pedra do estilóbata que apresentam depressões de formas quadradas ou rectangulares, indicando as posições das bases de colunas que suportavam os arcos e a abóbada cilíndrica que rodearam a *cella*. Com base nestes vestígios, foi possível uma reconstituição gráfica da galeria, feita há vários anos, que evidencia o aspecto deste edifício decorado na parede do pódio por mosaicos parietais<sup>23</sup>. Os mosaicos, conhecidos já antes das escavações de Estácio da Veiga no século XIX, formaram um friso com uma extensão de 67 m e a altura de 80 cm, limitado por uma trança dupla<sup>24</sup>. O que mais ressalta e chama a atenção, hoje em dia, são as cenas com representações da fauna marinha, situadas junto das escadas que conduzem ao pódio. Aqui foi eleita uma disposição dos peixes diferente dos do peristilo da *uilla*, mais soltos, dando a impressão talvez mais realista dos peixes no mar e a sensação do edifício estar a flutuar. Não conheço outro edifício com forma de templo que possua uma decoração de mosaicos no pódio<sup>25</sup>. A parte superior do friso está limitada por várias placas de pedra que serviram de estilóbata da colunata da galeria envolvente. No que respeita à conservação da superfície dos mosaicos, constatamos que estavam cobertos, em grande parte, por raízes e deteriorados pela intensa formação de líquenes; por isso, foram limpos só com água e escovas macias para conservar as zonas da argamassa saliente entre as *tessellae*, como é costume nos mosaicos das paredes<sup>26</sup>. Se começamos com uma curta descrição do friso, notamos então, na parede A, ou seja na parede esquerda do patamar da escada, a orla

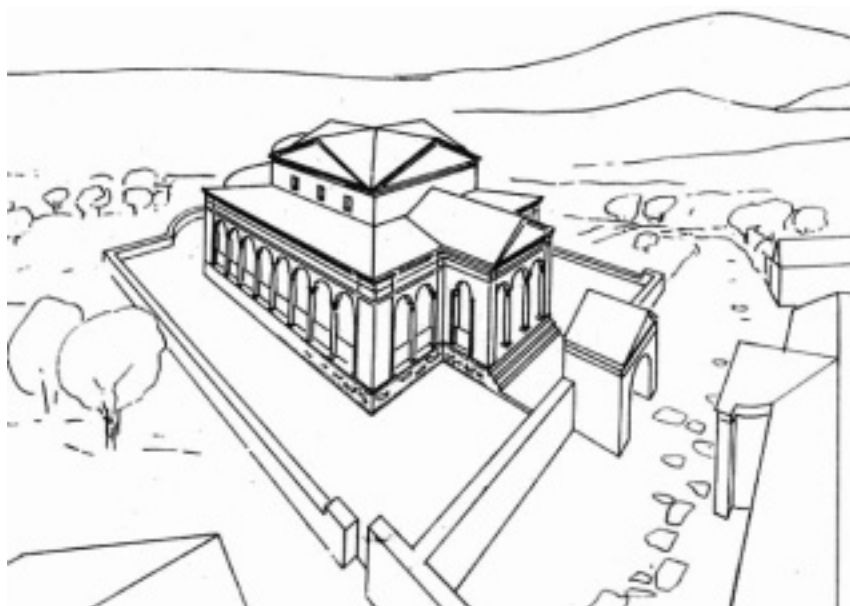


FIG.5 MILREU. “EDIFÍCIO DE CULTO”, RECONSTITUIÇÃO GRÁFICA. (T. HAUSCHILD, 1964).

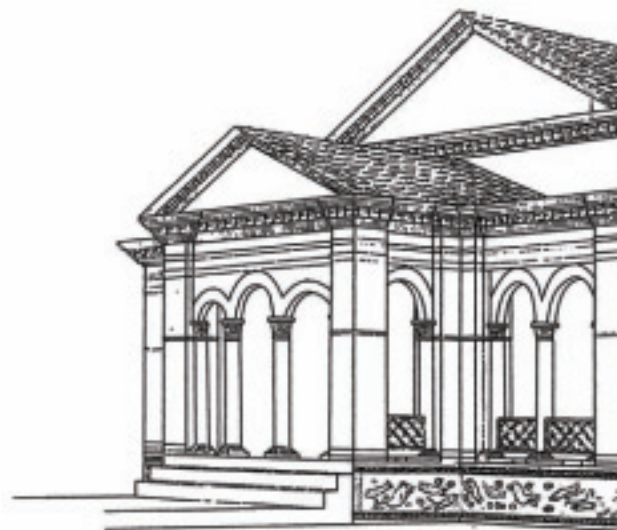


FIG.6 MILREU. “EDIFÍCIO DE CULTO”, DESENHO EM PERSPECTIVA DA VISTA OESTE.

de tranças duplas limitada verticalmente, o que significa que o friso começa aqui<sup>27</sup>. Apreciamos, em primeiro lugar, os restos de um peixe de tipo cherne com a barbatana em vermelho, o segundo poderá ser interpretado como um golfinho pelo tamanho e pelas partes cinzentas e o terceiro volta a ser um peixe de tipo cherne (Fig.8; muro A). Na próxima parede “B” temos um grupo de peixes e outros elementos da fauna marinha (Fig.8; muro B), que recordam a cena da fauna marinha existente no pavimento da parte residencial da *uilla*, constituindo no entanto um agrupamento muito mais aberto e também diferente no tratamento das cores e nos pormenores da técnica tesselária. O grande golfinho destaca-se pela excelente execução e representação com os impressionantes dentes, com certeza o trabalho de um mosaísta mestre<sup>28</sup>. Também é notória a representação de um pé humano (Fig.10) perto da esquina Este (Fig.8; muro B; nº12), ou seja, à esquerda<sup>29</sup>. Segundo o tamanho do pé, a figura poderia chegar até uma altura que atingiu o limite superior do friso, e era, se considerarmos a temática marinha, talvez uma nereide, um ser da mitologia antiga como o grupo do tritão e o monstro registado por Estácio da Veiga na parede Oeste do pódio<sup>30</sup>. Para podermos imaginar esta figura serve talvez o exemplo de uma nereide representada na cena do mosaico de Oceano em Dueñas (Prov. Palencia)<sup>31</sup>, com modelos no Norte de África. E numa imagem a cores desta cena (Fig.9) aparece a nereide com um golfinho e outras seres marinhos como em Milreu. Se atribuirmos à decoração da cena de Milreu uma ordem simétrica, como acontece com os elementos arquitectónicos, poderíamos pensar talvez numa outra cena mitológica no

27. O início do friso de mosaicos encontra-se na parede Este do patamar. É caracterizado por uma faixa de corda dupla vertical, existente em poucos, mas claros restos. A partir desta linha vertical, os peixes estão nadando principalmente em direcção para a esquerda, ou seja, no sentido dos ponteiros do relógio. Foi, desta maneira, escolhida a sequência das cenas do friso que, em outro sentido, começariam na parte direita do patamar.

28. A representação do golfinho tem semelhança com um exemplo em Lod (Israel). Mourão (2008), p.121.

29. Menções: Lancha, J. (2005), Catálogo da exposição em Coimbra.

30. Ver nota 4.

31. Palol, P. (1967), p.208-214.



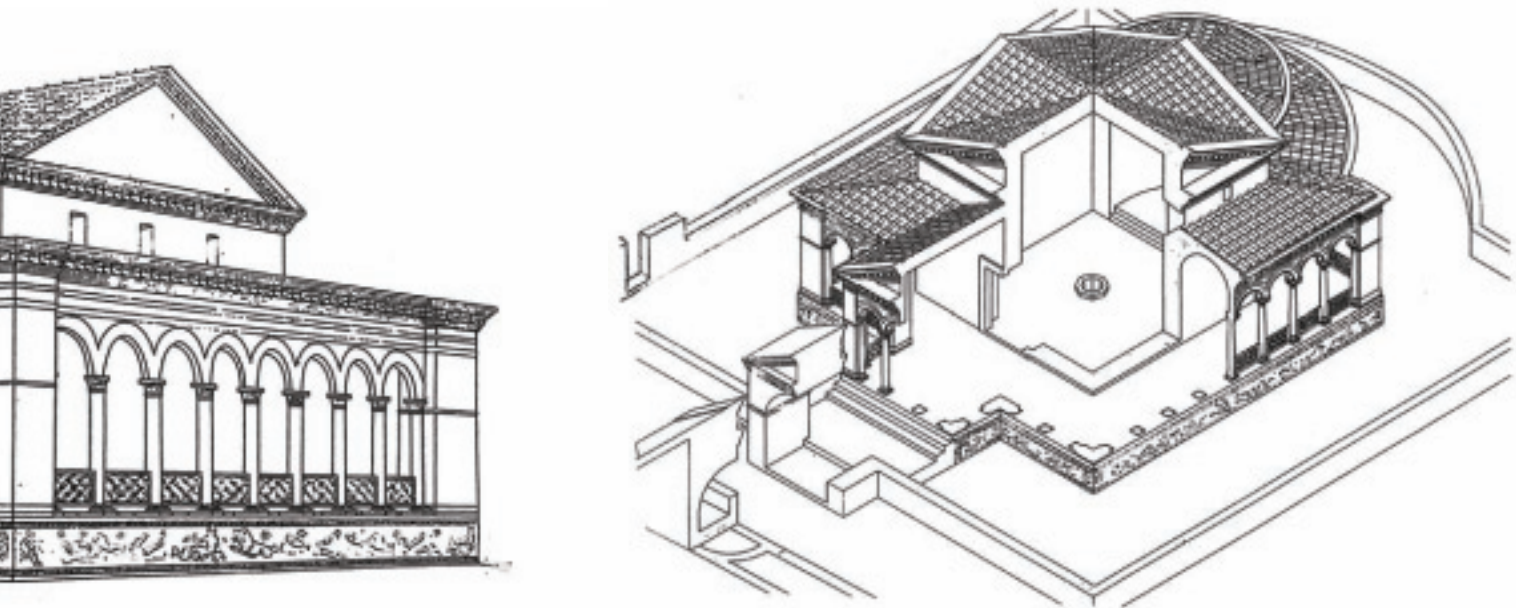


FIG.7 MILREU. PERSPECTIVA DA RECONSTITUIÇÃO DO “EDIFÍCIO DE CULTO” OU “AULA” (P. FIALHO).

32. Cenas com representações mitológicas fazem parte do repertório das decorações até à época tardia romana.

33. Estácio da Veiga fez documentar em fotografia uma cena situada na parede Oeste do pódio. Brito Rebelo (1882), p.240.

34. Graen, D.(2005), p.376, Fig.23. D. Graen interpreta o “edifício de culto” como um edifício sepulcral (mausoléu) e também a decoração parietal neste sentido.

35. Restituição da cena com patas de cavalo: Ver discussão sobre a possibilidade desta restituição por Oliveira, C. (2007), p.148.

extremo lateral oeste. Mas irei tratar esta ideia mais tarde. Também no muro oriental do pódio (Fig.8; muro C) se encontram ainda poucos restos da representação de peixes e entre eles um fragmento que talvez pertença a uma figura mitológica pela forma estranha redonda do que resta (Fig.8; muro C; nº15), análoga a uma cauda de um monstro marinho. Esta cena está situada, sensivelmente, a meio do muro Este e, segundo os restos de mosaicos, não seria improvável imaginar outras cenas mitológicas nos extremos deste muro, como interpretamos na parede anterior<sup>32</sup>. E a mesma eventualidade de existirem mais cenas deste tipo poderíamos supor na parte de trás da abside, onde o muro do pódio se apresenta em forma recurva, não obstante aqui só restarem os fragmentos de mosaicos da orla inferior. Pertencerá a esta parede, talvez, o fragmento dum barco conservado no Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa. No muro Oeste (muro G), restam só alguns fragmentos de mosaicos, destacando-se o fragmento com os elementos em linhas curvas, existentes no limite inferior do friso (Fig.8; muro G; nº19) . E fica provado que corresponde à imagem de seres mitológicos de um tritão e um monstro, que Estácio da Veiga tinha fotografado e desenhado em 1877<sup>33</sup>. O original foi tirado do pódio e perdeu-se, ficando unicamente um fragmento do tritão. Segundo as observações de Dennis Graen<sup>34</sup> esta cena situa-se na zona onde, mais tarde, se adossou o muro do edifício do baptistério da época paleocristã, conservando-se desta forma a cena até ao século XIX. O lugar da cena mostra, simultaneamente, a sua situação mais ou menos a meio do muro Oeste<sup>35</sup>. Finalmente temos nas paredes da parte Norte (H e I), junto



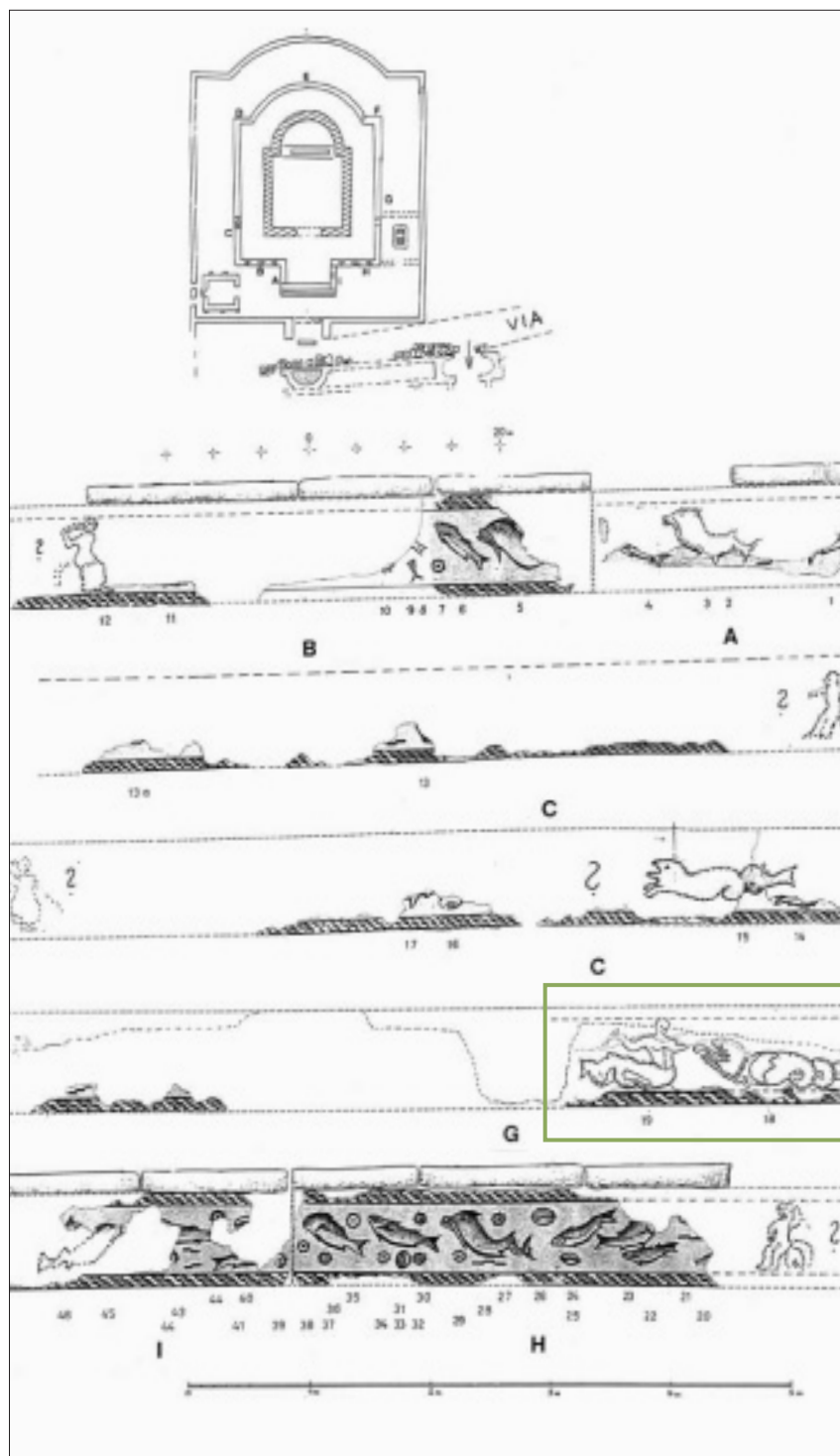


FIG.8 MILREU. PÓDIO DO “EDIFÍCIO DE CULTO”, PLANTA E DESENHO DOS RESTOS DO FRISO DE MOSAICOS. PAREDES A-B-C-G-H-I. (PROPOSTA DE RECONSTITUIÇÃO HIPOTÉTICA DAS CENAS MITOLÓGICAS).

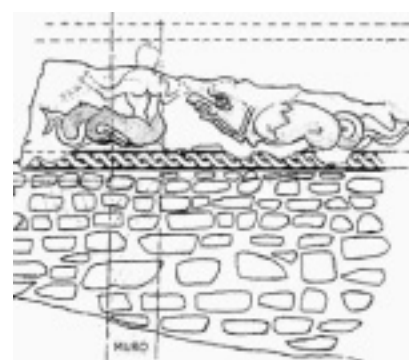


FIG.8A MILREU. “EDIFÍCIO DE CULTO”, RECONSTITUIÇÃO GRÁFICA DA CENA MITOLÓGICA DO TRITÃO E UM MONSTRO MARINHO SEGUNDO O FRAGMENTO EXISTENTE E DA FOTOGRAFIA DE ESTÁCIO DA VEIGA DE 1877/1880.



FIG.9 DUEÑAS (PROV. PALENCIA), VILLA ROMANA. PAVIMENTO DE MOSAICO COM REPRESENTAÇÃO DO OCEANO COM NEREIDES, PORMENOR.



FIG.10 MILREU. PÓDIO DO “EDIFÍCIO DE CULTO”, PAREDE B: MOSAICO COM REPRESENTAÇÃO DE UM PÉ HUMANO.

36. Kremer, M. L. Duran (1999), p. 514; Lancha, J. (2004), p.412-414. Janine Lancha encontra aqui, na representação do mundo marinho, uma relação com oficinas do Norte de África, também para a representação dos signos em V, as chamadas “moscas d’água”, dos quais existem na Península Ibérica muitos outros exemplos, mesmo na capital da província da Lusitânia, *Augusta Emerita*, e na *Baetica*, num mosaico perto de Villanueva del Rio (Sevilla).

No que respeita as representações dos golfinhos, é interessante a comparação com a escultura, encontrada em Milreu, de um eros que monta um golfinho: Vasco de Souza (1990), *Corpus Signorum Imperii Romani, Portugal*, Coimbra, p.40, n.º 116. Maciel, J. (2008), pp.80-81.

37. Museo Nacional de Arqueologia em Mérida.

da escada as zonas de mosaicos conservados mais extensas, com cenas do mundo marinho (Fig.11), onde nada um golfinho acompanhado por dois ou três peixes, presentes quer no muro da frente do edifício de culto, quer no muro do patamar da escada. É evidente que temos aqui a sequência exemplar da representação da fauna marinha, peixes, conchas, ouriços e outros signos de água. A qualidade da execução é também aqui extraordinária, como nos mostram os pormenores das cabeças dos peixes, especialmente do golfinho. O muro do patamar mostra também peixes que acompanham um golfinho. A comparação das representações das distintas cabeças dos golfinhos deste friso (Fig.13 e 14), com a sua excelente técnica tesselária e uma rica paleta de cores, executados por uma oficina destacada e itinerante nesta época tardia romana, já foi comentada por Aberto Balil, Maria de Jesus Duran Kremer e Janine Lancha<sup>36</sup>. Como comparação de um mosaico com a representação de um golfinho, existente na capital da província da Lusitânia, em *Augusta Emerita*, destaco uma peça que mostra também os signos de “V” (Fig.14) e que pertence talvez a uma época mais avançada do séc. IV d.C.<sup>37</sup>. Quero repetir aqui a ideia de que no muro de frente do pódio de Milreu poderia haver, talvez, duas cenas da mitologia antiga que ocuparam os extremos laterais do pódio, se aceitarmos para a decoração do friso uma ordem simétrica (Fig.7).

No interior do edifício, denominado mais concretamente como “aula” ou sala representativa, como me comentou Henner von Hesberg numa carta, foram as paredes cobertas por placas de mármore e encontrados, segundo os textos de Estácio da Veiga, fragmentos de mosaicos que pertenciam, sem dúvida, à decoração de uma



FIG.11 MILREU. “EDIFÍCIO DE CULTO”, PAREDE H, FRISO DE MOSAICOS COM REPRESENTAÇÃO DE PEIXES.



FIG.12 MILREU. “EDIFÍCIO DE CULTO”, CABEÇA DO GOLFINHO DA PAREDE B.

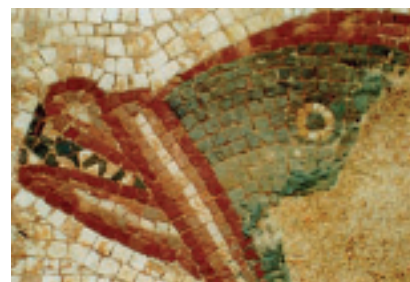


FIG.13 MILREU. “EDIFÍCIO DE CULTO”, CABEÇA DO GOLFINHO DA PAREDE H.

cúpula, dada a técnica utilizada, ou seja, o fundo grosso da cal, e ainda mais, a forma de colocar cada tessela, como confirmam outros exemplos encontrados na zona diante da sala<sup>38</sup>. São tesselas de vidro de várias cores (Fig.15), também muitas *tessellae* transparentes, que tinham originalmente uma fina camada de chapa de ouro. Na Península Ibérica só conhecemos outro exemplo de uma cúpula com mosaicos onde foram utilizadas *tessellae* de ouro, a cúpula do monumento de Centcelles, possivelmente o mausoléu do imperador Constante, filho de Constantino o Grande<sup>39</sup>. Não podemos reconstituir a decoração em Milreu, mas o grande número de tesselas de vidro de distintas cores visava na meia cúpula da abside da sala, de 5,70 m de diâ-

38. Hawkins, E. (1988), in Schlunk, H. (1988), p.167-169.

39. Schlunk, H. (1988), p.153.





FIG.14 MÉRIDA. MOSAICO COM A REPRESENTAÇÃO DE UM GOLFINHO E SIGNOS EM “V”. (MUSEO NACIONAL DE ARTE ROMANO, MÉRIDA).

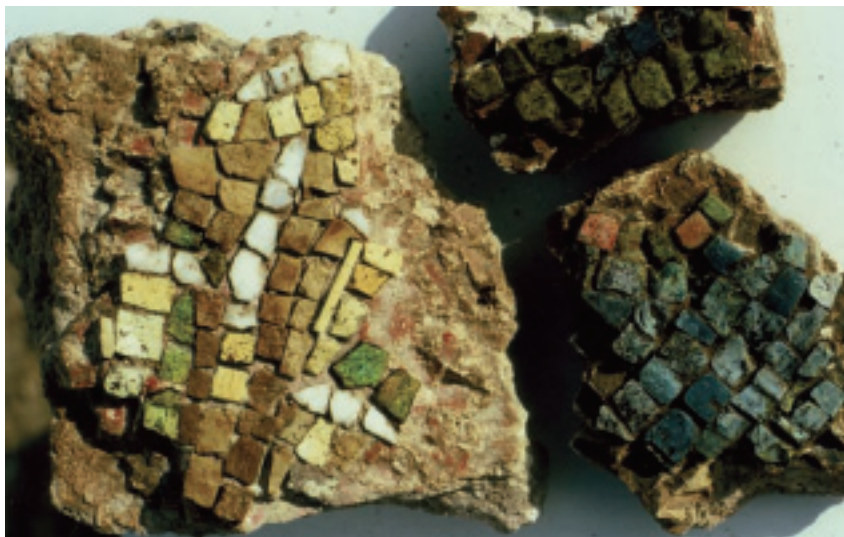


FIG.15 MILREU. FRAGMENTO DO MOSAICO DA ABÓBADA (MUSEU DE FARO).

40. *Opus sectile* em Milreu: ver Brito Rebelo (1881), p.189.190.

41. A restituição gráfica do cavaleiro com base nos fragmentos de um pé e de um braço é compreensivelmente muito hipotética.

42. A “basílica de Junio Basso”: Rossi, G. B. (1981), p.5-29. Lam. LXXXI, 2; A “casa de opus sectile em Ostia”: Becati, B. (1969), p.97-101.

43. Perez Olmedo, E. (1994), p.595-615.

44. Além do edifício de Milreu, existe outro numa distância de aproximadamente 15km, perto da costa atlântica, com medidas semelhantes, no lugar da Quinta de Marim: Graen, D. (2005 a), p.257-278; ibd. (2005 b), p.413, fig.50. O terceiro edifício encontra-se mais longe, ou seja, a 150km para o Norte, perto de Vidigueira, Alentejo, em São Cucufate: Alarcão, J. (2002), O templo da *uilla* romana de São Cucufate, in *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, p.245-246.

metro, uma apresentação significativa. Mas, além da importância destes mosaicos, temos elementos de outra decoração no interior da sala, a do “opus sectile”, cujos fragmentos apareceram tanto nas escavações de Estácio da Veiga no interior da sala como nas nossas investigações diante da sua porta<sup>40</sup>. Muitos fragmentos das placas de mármore de distintas cores têm formas redondas, mas existem também representações de mãos humanas e de uma pata de cavalo (Fig.16). Uma tentativa de reconstituir a figura com base no tamanho da mão chega a uma altura aproximada de 50 cm e da pata de cavalo de 60 cm (Fig.18), o que poderia indicar a altura das figuras representadas<sup>41</sup>. Como comparação, referem-se os cavalos e cavaleiros feitos em “opus sectile” na basílica de *Junius Bassus* (Fig.17) perto de Roma, mas também as representações de figuras na casa de “opus sectile” em Ostia<sup>42</sup>. É de realçar que trabalhos de “opus sectile” existem na Hispânia em poucos lugares, o mais conhecido e classificado no século IV d.C. encontra-se em Gabia La Grande, perto de Granada, ali também com vestígios de figuras<sup>43</sup>.

Apesar do conhecimento pouco abrangente da totalidade do programa artístico em Milreu, podemos resumir que a “aula” com a sua forma destacada da galeria envolvente e da colunata com arcadas, elevada sobre um pódio circundado por um friso de mosaicos parietais (Fig.7), forma, junto com os exemplos do edifício de São Cucufate, assim como o da Quinta do Marim, um grupo específico na tipologia de edifícios da Antiguidade Tardia<sup>44</sup>. Em Milreu, a temática do mundo marinho com cenas da mitologia está dirigida ao visitante que circunda no pátio este edifício, e as pessoas que foram convidadas a entrar no espaço interior da “aula” experimentaram uma nova sensação, pela luminosidade resultantes das janelas altas, pela qualidade



FIG.16 MILREU. FOTOGRAFIA DE FRAGMENTOS DE *OPUS SECTILE* (MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA).



FIG.18 MILREU. RECONSTITUIÇÃO HIPOTÉTICA DO *OPUS SECTILE* COM A REPRESENTAÇÃO DUM CAVALEIRO.



FIG.17 ROMA, BASÍLICA DE JUNIUS BASSUS, *OPUS SECTILE* (MUSEO NAZIONALE, ROMA).

e diversidade da decoração, todo um conjunto que sublinhava seguramente o estatuto social do proprietário<sup>45</sup>. Sabemos que era membro de uma família que, na sua *uilla*, expôs retratos imperiais como de Agripina Minor, de Adriano e de Galieno e também uma grande estátua com armadura de que resta uma perna<sup>46</sup>. Estamos, em todo caso, diante de um monumento de primeira ordem da Província Lusitana e da Hispânia, concebido, provavelmente, para uma grandiosa apresentação pessoal do dono, e determinado em consequência da remodelação arquitectónica e decorativa

45. O evidente alto nível social dos proprietários que reflecte a colocação de bustos de imperadores e a construção de um edifício ricamente decorado, levou José d'Encarnação a suspeitar de um *dominus* que pertencia à elite da sociedade da época tardia romana. Encarnação, J.de (1984), 43. 44. 47-49.

46. Agrippina Minor: Trillmich, W. (1974), p.184-202. Adriano: Fittschen, K.(1984), p.197-207. Galieno: Fittschen, K. (1993), p.210-227; Vasco de Souza (1990), p.46, Fig.30.

47. A remodelação da parte habitacional da *uilla* foi realizada na primeira metade do séc. IV e compreende toda a zona do peristilo e da entrada junto da via. Para a apresentação pessoal da elite na época tardia romana: Kruse, J. U. (1987), *Spätantike Patronatsformen im Westen des römischen Reiches*; Löhken, H. (1982), *Ordines dignitatum. Untersuchungen zur formalen Konstituierung der spätantiken Führungsschicht*.

48. Maciel, M. J. (2000), p.145.

49. O repuxo na sala do triclinio, junto do peristilo, pertence a uma modificação talvez do séc.IV.

50. Ver nota 44.

51. Igreja: Hauschild, T. (1980), p.189-207. Ocupação islâmica: Sidarus, A. – Teichner, F. (1996), p.177-179; Teichner, F. (1994) p.89-100.

da *uilla*<sup>47</sup>. Estava esta, talvez destinada a várias tarefas, como “elemento polarizador da cultura romana”, como referiu Justino Maciel na sua publicação sobre o Bispo Potâmio de Lisboa<sup>48</sup>. A “aula” de Milreu ofereceu, na sala, um repuxo como os que existem em muitos triclinios<sup>49</sup> e podemos imaginar que foram oferecidos aqui, juntamente com a cultura, talvez uma boa comida e um bom vinho de produção própria. É evidente que o arquitecto, por acaso itinerante com a sua equipa de técnicos, quis realizar aqui um edifício particular de forma destacada, com as raízes longe desta província, que repetiu com as mesmas medidas por duas vezes no Sul da Lusitânia<sup>50</sup>. Resta mencionar que o recinto sofreu, na sequência do tempo, a transformação em igreja e também em local de culto islâmico<sup>51</sup>. ●

## Bibliografia

ACUÑA CASTROVIEJO, F. (1974), Consideraciones sobre los mosaicos portugueses del convento bracarense, in *II Congresso Nacional de Arqueologia*(Porto 1974): Actas. Porto.

ALARCÃO, J. – ÉTIENNE, R. – MAYET, F. (1990), *Les villas romaines de São Cucufate* (Portugal), Paris. Vol. I. P. 201-214.

BALIL, A. (1975), Sobre los mosaicos romanos de Galicia: identificación de un taller musivario, in *Actas del II Colóquio Internacional de la Asociación Internacional para el estudio del Mosaico Antiguo*(ALEMA), Paris, p. 259-265.

BECATTI, G. (1969), Edificio con opus sectile fuori Porta Marina, *Scavi di Ostia VI*, p. 97-101.

BRITO REBELO (1881), O monumento de Milreu, in “*O Occidente*” (Revista), Vol.IV, n°95, 11 de Agosto, p. 18, 189, 190 (planta).

BRITO REBELO (1882), Antiguidades do Algarve, in “*O Occidente*” (Revista), Vol.V p. 238, 240 (monstros marinhos), 246.

ENCARNAÇÃO, J. d’(1984), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra.

ESTÁCIO DA VEIGA, S. Ph. M. (1880), *A tabula de bronze de Aljustrel*, Lisboa.

FITTSCHEN, K. (1984), Eine Büste des Kaisers Hadrian aus Milreu in Portugal. Zum Problem von Bildnisklitterungen, in *Madrider Mitteilungen* 25, p. 197-207.

FITTSCHEN, K. (1993), Bildnis des Kaisers Galien aus Milreu. Zum Problem der Bildnistypologie, in *Madrider Mitteilungen* 34, p. 219-227.

GRAEN, D. (2005), Os mosaicos do “santuário” de Milreu (Agarve) no contexto de uma nova interpretação, *O Arqueólogo Português*, série IV, Vol.23, p. 367-415.



HAUSCHILD, T. (1964), *Der Kultbau neben dem römischen Ruinenkomplex bei Estoi in der Provinz Lusitania*, Berlin (TU).

HAUSCHILD, T. (1984), Die Mosaiken am Podium des Wasserheiligtums von Milreu, Estoi (Algarve), in *La Mosaïque gréco-romaine*, IV, CNRS e Unesco, p. 285-291.

HAUSCHILD, T. (1984/88), O edifício de culto do complexo das ruínas romanas perto de Estoi, na provincia da Lusitânia. In *Arqueologia e História*, Lisboa, sér.10, I-II: p. 123-150.

HAUSCHILD, T. (1980), Milreu (Estoi/ Algarve), Untersuchungen neben der Taufpiscina und Sondagen in der Villa, Kampagnen 1971 und 1979, in *Madriider Mitteilungen* 21, p. 189-219.

HAUSCHILD, T. (2007), Milreu, Notas sobre la planta das ríinas, elaborada por Estácio da Veiga depois das excavações em 1877. in *Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve, Percursos de Estácio da Veiga*, (Nov. 2006), XELB 7, p. 303-316.

HAWKINS, E. (1988), Bericht über die Konservierung der Mosaiken und Malereien im Kuppelraum von Centcelles(1958-1962), in Schlunk,H. Die Mosaikkuppel von Centcelles, *Madriider Beiträge* 13 , Mainz, p. 167-170.

KREMER, M. J. DURAN (1999), Contribuição para o estudo de alguns mosaicos romanos da Gallaecia e da Lusitânia, in *Actas do V Congresso Internacional de Estudos Galegos*, Trier 1997, vol.I, Trier, p. 514.

LANCHA, J. (2004), De nouvelles données sur les mosaïstes itinérants en Lusitanie, in *V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana: Las comunicaciones* (Cáceres 2002), Madrid, p. 409-426.

MACIEL, M. J. (2000), Entre Constâncio II e Juliano: A linguagem de Potâmio de Lisboa e o conhecimento da Lusitânia do séc. IV, in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* 13, Lisboa, p. 135-148.

MACIEL, M. J. (2008), Cinco esculturas romanas em mármore importado, achadas no Algarve e em Mértola, in *ArteTeoria*, 11, Lisboa, 75-87.

MOURÃO, C. (2008), *Mirabilia Aquarum, Motivos aquáticos em mosaicos da antiguidade no território Português*, Lisboa.

OLIVEIRA, C. de ( 2007), Estácio da Veiga e a ilustração de mosaicos: o caso de Milreu, in *Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve, Percursos de Estácio da Veiga* (Silves, 24 e 25 de Nov. de 2006) XELB 7, Silves, p. 143-158.

Palol, P. de (1967), Das Okeanos – Mosaik in der römischen Villa zu Dueñas (Prov.Palencia), in *Madriider Mitteilungen* 8, p. 196-225.

PEREZ OLMEDO, E. (1994), El opus sectile parietal del yacimiento romano de Gabia la Grande ( Granada), in *Historia Antigua, Actas del Congreso de Historia de Andalucía*, (Cordoba 1991), Cordoba, 595-615.

ROSSI, G.B. (1981), La basilica profana di Giunio Basso sul Esquilino dedicata poi a S. Andrea ed appellata Catabara Patricia, in *Bulletin di Archeologia Cristiana*, p. 5-29.

SANTOS, M. L. E. V. A. (1972), *Arqueologia Romana do Algarve*, Vol.II, Lisboa, p.179-236.

TEICHNER, F. (1994), Acerca da vila romana de Milreu / Esto: Continuidade da ocupação na época árabe, in *Arqueologia Medieval*, Mértola 3, p.89-100.

TEICHNER, F. (1997), Die römischen Villen von Milreu (Algarve Portugal). Ein Beitrag zur Romanisierung der südlichen Provinz Lusitania, in *Madri der Mitteilungen* 38, Mainz, p. 106-162.